

INTERCAMBIAR POSIÇÕES: O QUE É NORMAL É ESTRANHO, O QUE É ESTRANHO É NORMAL COMO PRINCÍPIO DE ACOLHIMENTO PARA FORMAÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA

*Miguel Angel García Bordas**
*Theresinha Guimarães Miranda***
*Fabio Zoboli****

RESUMO — *O artigo apresenta algumas reflexões pautadas no intercambiar posições entre o que é normal e o que é estranho a fim de dar algumas pistas para se fundar o princípio do acolhimento e do respeito ao diferente. Num primeiro momento são feitas considerações a partir da atual conjuntura social tendo como foco de análise o convívio com o diferente. Na segunda parte estabelecem-se tensões e contrapontos com o intuito de propor a construção de uma cultura para o acolhimento. A construção de novos ethos e significados para se fundar uma práxis de respeito à diferença precisa passar pela sua reconstrução priorizando valores que radicalizem em favor da vida e não em valores pautados no fetiche e na mercantilização dos sujeitos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cultura inclusiva. Inclusão. Diferentes e diferenças.*

*Pós-Doutor em Sociosemiótica (Universidade Autônoma de Barcelona). Prof. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. E-mail: bordas@ufba.br

**Doutora em Educação (USP). Prof. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. E-mail: tmiranda@ufba.br

***Doutor em Educação (UFBA). Prof. do Dep. de Educação Física (UFS). E-mail: zobolito@gmail.com

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação (DEDU). Tel./Fax (75) 3161-8084 - Av. Transnordestina, S/N, Módulo IV - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: educacao.uefs@gmail.com

O DIFERENTE E AS DIFERENÇAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ATUAL CONJUNTURA SOCIAL

A pessoa com deficiência traz em si como sombra um estigma construído a partir da história. Estigma esse que lhe nega, muitas vezes, a possibilidade de ter acesso a diversos segmentos sociais. Na sociedade neoliberal da qual vivemos, as relações parecem se fundar cada vez mais na produção e máximo lucro, bem como na competição – que gera seleção e exclusão. Sob este viés, o padrão ideal de homem é aquele que mais se adapta aos valores sociais determinados. Sob este olhar a pessoa com deficiência sai com grandes desvantagens por não se ajustar aos critérios de rendimento e eficácia do mercado de bens simbólicos que permeiam as relações sociais. Por isso a pessoa com deficiência precisa constantemente lidar com o discurso da superação, pois só superando-se parece que conseguirá seu espaço, só se apropriando dos valores de produção e mercado ele será absorvido.

Referente ao investimento no corpo produtivo feito pelo sistema neoliberal e a sua relação com o deficiente, Marques (1994, p.79) ressalta que:

O que acontece é que a deficiência, enquanto estereótipo de desvio, também se enquadra no quadro das marginalidades produzidas pela ideologia da classe dominante. Portanto não se pode dissociar a condição de indivíduo deficiente de uma ideia exterior de capacidade produtiva e da concepção de corpo social que fundamenta todas as relações políticas e econômicas.

Neste sentido, este texto surge com a preocupação de apresentar alguns referenciais para discutirmos o processo de formação não só dos professores que irão trabalhar com a Educação Especial, mas também dos professores que atuam nas mais variadas dimensões de ensino que lidam diariamente com o convívio com os diferentes e as diferenças.

Podemos antecipar que, embora seja difícil agrupar as ideias principais entre todas as diferenças culturais, as inovações tecnológicas e a sociedade do conhecimento – por exemplo – sinalizam algumas problemáticas comuns e conformam uma base de sistemas análogos, por compartilhar nexos econômicos, políticos e sociais bastante similares (BEAUD, 1989). Existem alguns entendimentos importantes do ponto de vista social e humano sobre o futuro da educação a partir do Relatório de Edgar Faure (1972). As políticas educacionais, em geral, são vistas como forma, instrumento ou empresa que deverá propiciar uma verdadeira transformação da sociedade no meio das inovações tecnológicas da *era da informação e do conhecimento*. A diversidade e pluralidade cultural da sociedade globalizada oferecem um marco rico para se pensar nas formas de educação e convivência no contexto das novas tecnologias da informação.

O que se entende como urgente, na nossa concepção, é de que não apenas todos tenham acesso ao mundo globalizado e suas tecnologias como receptor, mas que igualmente cada sujeito tenha também as condições de ser emissor e que possa participar desse processo de forma crítica/politizada. O desejável é que qualquer indivíduo possa ter a possibilidade de estar conectado à rede de conhecimento e poder interagir como cidadão com os outros, com as diferenças e a diversidade de forma a promover mudanças e transformações.

Neste contexto as novas tecnologias poderão configurar novas formas de estratificação social. Junto com as clássicas discriminações entre ricos e pobres aparecerão outras formas de exclusão como produtores e consumidores de informação e conhecimento. Neste contexto desejamos também destacar os contrastes de uma denominada educação especial para pessoas com deficiência. Os abismos e as distâncias sociais poderão constituir-se pelos que detém o acesso aos mundos da informação e são dependentes e subordinados aos mesmos e os que têm consciência crítica e podem ser independentes e criadores de informação e conhecimento.

Uma palavra chave que volta a ser atual e relevante é *emancipação*, junto de outra não menos importante que é a

autonomia. Precisamos entender como pode ocorrer uma *práxis educativa* no contexto destas tecnologias e sistemas de produção de informação e culturas. A adaptação é importante. Aqui entra em destaque e com vigor o suporte de todas as tecnologias assistivas que permitem diminuir as distâncias mecânicas, físicas e cognitivas de pessoas com algum tipo de deficiência.

Mas como combinar formas de integração e de transformação ao mesmo tempo? Como criar condições para que as instituições educativas promovam profissionais que melhor se adaptem e se acomodem às necessidades de uma sociedade? Será que deveríamos pensar em desenvolver um conceito de *bem-estar* entendido como conformação e adequação ao sistema estabelecido, com umas demandas construídas por um mercado e com os valores de um sistema econômico estabelecido e que pretende reproduzir-se tentando homogeneizar e avaliar tudo dentro de padrões unidimensionais, para facilitar a empreitada e o produtivismo? Será que não existem outros modos de abordagem do que seja uma produção e de estabelecer as relações sociais pautadas apenas em relações mercantis?

Ao nosso entender, este é um dos aspectos que merece um estudo e discussão apurada dentro dos contrapontos entre o global e o local, entre o normal e o diferente e do que deva ser um desenvolvimento humano neste terceiro milênio. E preciso uma nova gramatologia e uma nova sintaxe social que permita a convivência e o desenvolvimento com e nas diferenças sociais e das pessoas com algum tipo de deficiência, sem qualquer pretensão homogeneizadora.

Os modos de produção podem ter outros entendimentos e não apenas uma ótica econômica. O papel do potencial emancipatório e de seu valor deve depender de aspectos como a promoção que consigam entre processos de transformação econômica e processos culturais, sociais e políticos. Existem, pois, toda uma série de dimensões, não só econômicas, mas culturais, sociais, comunitárias, coletivas, afetivas, políticas etc., associadas às atividades de produção, como Boaventura de Souza Santos mostra na sua importante obra *Produzir para viver* (SANTOS, 2002).

A vida deve ser o bem maior e ela deve determinar como deve acontecer o processo de mercado. Não se pode deixar que a vida se adapte e se sujeite às exigências e caprichos do capital que têm no “lucro” seu maior objetivo. Nos valores do processo de mercado, por vezes, o respeito à corporalidade, a honestidade e outros atributos são valores secundários. O que importa é o quanto o corpo é capaz de produzir, desta forma o mesmo, fica reduzido a sua capacidade de gerar lucro e não a realização dos ideais humanos.

A busca exacerbada do lucro no sistema de produção, deixa na maioria das vezes como secundária, a reflexão crítica e ética sobre o próprio existir humano, reduzindo assim o mesmo à sua capacidade de rendimento – diminuindo sobremaneira a dimensão existencial do mesmo. A estrutura de mercado, organizada em torno dos seus fins, se prende muito a melhor forma de dar resultados a seus objetivos, independentemente dos demais interesses e valores da corporalidade humana.

Observamos que o papel transformador de emancipação de uma educação vem desaparecendo praticamente dos discursos educativos nas últimas décadas. Nessa perspectiva mercantil, acima apresentada, os conceitos de *eficácia e eficiência predominam sobre o valor de uma emancipação*.

Acreditamos na possibilidade de integração destas duas dimensões com seus valores, sem radicalizar ou excluir nenhum deles, pois são demandas de uma comunidade que, por fim, procura uma qualidade na educação. Só que esta noção de qualidade, no nosso entendimento, deve ser de vida e de gente não apenas de produtos. Temos de promover reflexões e discussões sobre estas perspectivas aparentemente excludentes e contraditórias, no intento de conciliar atitudes.

TENSÕES E CONTRAPONTO NA CONTRUÇÃO DE UMA CULTURA DO ACOLHIMENTO E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

A inclusão do diferente precisa ser, a nosso ver, um desafio constante nos mais variados segmentos sociais, pois

não se trata apenas de aceitar um diferente em nosso meio. Esta, segundo Forest e Pearpoint *in* Mantoan (1997, p.138), é a menor parte do quebra-cabeça. Para estes autores:

Inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

Não se pode reduzir a o respeito aos diferentes e as diferenças somente a uma simples questão de tolerância e respeito. Pois, como escreve Silva (2000), por mais edificantes e desejáveis que pudesse parecer esses nobres sentimentos impedem que vejamos a identidade e as diferenças como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder na medida em que atribuem valores às diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior. Foucault (2000) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de qualidades.

O olhar o diferente depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de percepção e apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos pelos envolvidos. Uma das funções sociais da escola, neste sentido, é a reflexão e a (re)significação das lentes que focam os olhares sobre os diferentes e as diferenças.

Um dos primeiros princípios na estruturação de valores de respeito ao diferente é compreender a construção social da diferença, as forças e instituições que fazem perdurar e que

impregnam o signo de diferença/deficiência nos sujeitos no contexto social.

Outro princípio norteador poderia ser o estudo de estratégias de descentralização na expectativa de reduzir a distância entre o que se trabalha no espaço de aula e o entorno próximo do estudante para, desta forma, tornar as aprendizagens *significativas, relevantes e inclusivas*, de acordo com as teorias educacionais. Isto é importante, pois permite a inserção dos estudantes nas suas realidades concretas e imediatas, mas precisa também se articular com outros conteúdos mais amplos, gerais ou universais.

Neste ponto do confronto do local e do global é que os debates nem sempre obtêm unanimidade. Pretende-se discutir um *ethos* universalista, para sair dos nacionalismos e regionalismos imperantes. Trata-se de uma nova epistemologia metanacional ou transnacional em que é preciso também um novo entendimento de novas pedagogias necessárias que se denominam como emergência de uma pedagogia das fronteiras do conhecimento. É uma nova hermenêutica que também se sugere (DREIFUS, 2004).

Tentando fazer um parêntese como expressão quase-final sobre a utopia dos relatórios de Edgar Faure (1972) e Jacques D'Elors (1986) pretendemos tentar partir de alguns princípios e melhor entender o conceito de diferenças e diversidades junto com as dimensões de normalidade e estranhamento em jogos de trocas e alternância de abordagens, base do nosso entendimento para abrir reflexões no âmbito de uma educação especial e formação de professores condizentes e uma pedagogia das diferenças com a diversidade cultural e humana.

Na menção de Marques (2001) a diferença não deve, pois, se constituir num critério de hierarquização da qualidade humana. Independente da condição existencial de cada um, todos são igualmente humanos, com o mesmo valor existencial. Assim, o que se deve considerar é a diferença na totalidade e a totalidade na diferença, sem se prender à prejudicial polarização do normal (igual), de um lado, e do diferente (desigual) do outro.

Este é um convite a uma pedagogia da diferença, pedagogia esta que segundo Trindade *in* Garcia (2002, p.87):

Sitientibus, Feira de Santana, n. 44, p. 173-184, jan./jun. 2011

Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante.

É preciso desenvolver *uma pedagogia das formas de cidadania* que promova crítica, autonomia de raciocínio e de trabalho comunitário. É preciso refletir sobre o que vem sendo considerado por Martínez (2002) *como uma pedagogia das fronteiras* e diferenças que pode caracterizar-se por:

- Uma competência que permita cruzar fronteiras, as próprias, as dos outros, internas e externas. Ver a diferença entre os outros cidadãos como elementos positivos.
- Uma motivação individual, pessoal e o desenvolvimento de atitudes críticas para analisar as próprias circunstâncias e as dos outros.
- Intercambiar posições: o que é normal é estranho/ o que estranho é normal.

Isto nos parece crucial para começar a refletir o conceito de normalidade e de educação especial, assim como os processos de formação de professores para poder lidar com educação especial e inclusiva.

As noções de normal, estranho, interno, externo, dentro, fora, lugar, não lugar podem expressar processos de inclusão e exclusão, de acolhimento e de rejeição. Urge refletir sobre estes conceitos que sinalizam outro de uma compreensão sobre as noções de interioridade e exterioridade. Urge entender estes aspectos como inclusivos e não excludentes, pois são

aspectos complementares de uma intermediação de formas de alteridade relacional. O que é num determinado momento externo, pode ser, em outro momento interno. O que é num determinado momento estranho, pode ser, em outro momento normal.

Todo pode depender de uma determinada posição física e/ou mental, configurando topologias e cartografias cognitivas e geográficas. O fato é que, sem sombra de dúvida os limites e fronteiras nacionais e regionais estão modificando-se, de modo que o que é considerado externo, num determinado momento e contexto, pode ser visto como interno em outro.

Aqui desejamos apresentar e defender a idéia, hoje tão em voga do relativismo, do perspectivismo, de que depende do contexto, da posição e da intenção do observador a compreensão do foco e da abordagem como externo ou interno, como pertencendo à consciência individual ou ao pensamento coletivo.

Isto, pois, pensando na formação de professores deve ser um ponto crucial, a nosso ver, pois sinaliza possíveis formas de configuração dos processos identitários e de constituição dos indivíduos e dos sujeitos. Sugerimos também uma nova forma de entender estes processos dicotômicos como dimensões constitutivas da subjetividade e do ser humano. E preciso, pois, promover uma visão crítica para aceitar e conviver com as imensas ambigüidades, paradoxos, contradições e abismos excludentes.

Para tanto, nesse patamar, pensemos que os sistemas escolares deverão fazer o seu planejamento no horizonte dos grandes objetivos e finalidades apontadas por Martínez (2002) para:

- promover uma constante melhoria das competências linguísticas e o conhecimento de diferentes culturas.
- promover o pensamento científico junto de uma visão humanística.
- promover o estilo democrático e a liderança comprometida com a comunidade.
- fomentar a aprendizagem para toda a vida.

Isto tudo dentro do grande contexto de reflexão das finalidades de uma educação que na Europa estão demarcados pelos quatro pilares que o Informe D'Élors (1986) apresenta como marco axiológico e ético do século XXI:

- Aprender a conhecer *constante dentro de uma cultura de passagens continuadas para novos conhecimentos (ao longo de toda a vida).*
- Aprender a fazer, *destacando-se também a perspectiva do trabalho em equipe.*
- Aprender a ser e *propiciar autonomia e responsabilidade.*
- Aprender a viver juntos e *compreender os outros e as formas de interdependência.*

Frente aos quatro pilares apresentados por D'Élors notamos, aos poucos, uma lenta evolução do perfil e das funções docentes dentro das novas tecnologias da informação e comunicação enunciadas no início do texto, assim como vem aparecendo novas formas de avaliação de mérito vinculadas à carreira docente.

Ficamos preocupados, neste cenário educativo da era do conhecimento e das novas tecnologias da comunicação, com o fato de que a aventura da educação e do conhecimento estejam ficando, cada vez, mais distantes de uma efetiva contribuição para o bem-estar de uma maioria, considerando e incluindo todas formas de diversidade e alteridade física, mental e ou cultural.

Entendemos que esta reflexão pode ser importante para orientar preliminarmente alguns princípios e valores de uma educação especial, no nosso vasto e rico contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem de uma concepção excludente de sociedade para um novo paradigma fundado na diversidade humana deve significar uma profunda mudança que venha a refletir principalmente na construção de novos sentidos éticos, ou seja, na construção de valores que radicalizem em favor da vida, e não

em valores que radicalizem em função de uma sociedade fundada nas leis de mercado.

Além disso, precisa-se adotar nas relações sociais a diversidade como um primado da existência humana, só assim a sociedade adotará novos *ethos* e novos significados nas suas relações com os diferentes.

Por acreditar que o ser humano, embora sofra a ação de seu meio não é submisso a ele, pois pode transformar a realidade sendo agente de sua própria história, este texto pretendeu apresentar algumas reflexões a fim de tornar mais respeitoso o convívio frente os diferentes e as diferenças.

INTERCHANGE POSITIONS: WHAT IS NORMAL IS WEIRD, WHAT IS WEIRD IS NORMAL AS PRINCIPLE RECEPTION FOR FORMATION OF AN INCLUSIVE CULTURE

ABSTRACT — *This article presents some reflections based upon exchange positions between what is normal and what is not to give some clues to found the principle of acceptance and respect to for the differences. At the first part of the work, some brief remarks were done from the present social context, with analysis on the different living together. In the second part establishes tensions and counterpoints with the intention to propose the construction of a culture of getting along with. The construction of new ethos and meanings to found a practice of respect to the different needs a reconstruction of values that must be in favor of life, and not of values defined within the fetish and the commodification commercializing of subjects.*

KEY WORDS: *Inclusive Culture. Inclusion. The different and differences.*

REFERÊNCIAS

- BEAUD.M. **L'économie mondiale dans les années 80**. Paris: La Découverte, 1989.
- D'ELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Cadernos Unesco, 1986.
- DREIFUS, R. A. **Transformações: Matrizes do Século XXI**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FAURE, E. (Org.). **Fundamentos da nova educação**. Cadernos Unesco, Serie Brasil, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 22. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- FOREST, M.; PEARPOINT, J. Inclusão: um panorama maior. In: MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997. p. 137-141.
- MARQUES, Luciana Pacheco. **O professor de alunos com deficiência mental: concepções e prática pedagógica**. Editora UFJF, 2001.
- MARTÍNEZ, M. M. **Bases d'un sistema educatiu per al secle XXI**. Informe sobre l'enquesta a experts europeus. In. Cap a una llei europea d'educació. Fullat O. et alii. 2002.
- SANTOS, B. de S. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, Stuart; SILVA, T. T. da; WOODWARD, Hathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.
- TRINDADE, A. L. da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In: GARCIA, R. L. (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 65-88.

Recebido em: 12/11/2011

Aprovado em: 04/12/2011